

## A Auto-suficiência é nossa!

O início da produção da plataforma P-50, nesta sexta-feira, 21 de abril de 2006, é um marco histórico para todos os brasileiros e brasileiras. É a consolidação da nossa tão sonhada auto-suficiência na produção de petróleo. Uma batalha diária de anos e anos de esforço e trabalho árduo de cada um dos petroleiros e petroleiras que fizeram deste sonho realidade. O Brasil passará a integrar o seleto grupo de países produtores de petróleo que atendem com segurança a sua demanda de consumo interno. Justamente no momento em que o mundo atravessa mais uma crise de escassez, com o barril do produto ultrapassando os 70 dólares. Enquanto nosso país torna-se auto-suficiente, potências como os Estados Unidos e a China dependem de pesadas importações de petróleo para sustentarem seu consumo interno.

Por isso, é mais do que legítimo que os trabalhadores brasileiros e, principalmente, os trabalhadores da Petrobrás e das empresas que prestam

serviço para a nossa estatal, comemorem com muito orgulho essa conquista histórica. O mérito desta façanha vai muito além das tecnologias de ponta e da excelência técnica da Petrobrás. A auto-suficiência é uma conquista essencialmente humana, que só foi possível graças ao talento e à dedicação de milhares de trabalhadores empenhados em superar desafios, e, acima de tudo, comprometidos politicamente com a defesa da Petrobrás enquanto empresa pública.

Nos referimos não só aos petroleiros próprios, mas também aos petroleiros terceirizados que, apesar de seus crachás de cores diferentes, ostentam com o mesmo orgulho o símbolo da Petrobrás no peito. Foi essa massa de trabalhadores que derrubou o mito neoliberal construído anos a fio de que empresas estatais são ineficientes. Foi essa massa de trabalhadores que impediu a privatização da Petrobrás, que colocou em risco seus empregos e suas carreiras para denunciar e se rebelar

contra abusos e ataques dos governos autoritários e neoliberais.

Os petroleiros, portanto, são os principais protagonistas desta conquista histórica que é a auto-suficiência. Muitos perderam a vida em acidentes de trabalho, outros sofreram perseguições políticas, assédios morais, demissões arbitrárias, doenças ocupacionais, ataques a direitos... Essa trajetória de luta por uma Petrobrás pública, comprometida com a soberania e o desenvolvimento do país, não encerra-se com a consolidação da auto-suficiência.

São muitas as conquistas que ainda precisamos garantir para termos um Brasil melhor e uma Petrobrás que seja também excelência em responsabilidade social. Esse ano de 2006, portanto, reserva grandes desafios a todos nós e será decisivo para a continuidade deste processo de mudanças que demos início em 2002.

---

**Leia no verso: A era FHC: A tentativa de desmonte da Petrobrás**

## Solução das pendências da Petros

### FUP avalia proposta apresentada pela Petrobrás

A diretoria colegiada da FUP está avaliando, junto com as assessorias técnicas (atuária e direito previdenciário), a proposta apresentada pela Petrobrás no último dia 18. A análise da Federação e dos sindicatos está voltada, principalmente, para o teor do novo plano de previdência complementar que será apresentado aos trabalhadores. O regulamento do Plano Petros 2 está sob avaliação das assessorias da FUP. A Federação, portanto, só se manifestará sobre a proposta da companhia, após a conclusão des-

ses pareceres técnicos.

Esta é a segunda proposta apresentada pela Petrobrás, após um processo de negociação que se arrastou por mais de quatro meses, marcado por uma longa lacuna da empresa na interlocução com os representantes dos trabalhadores. Foi preciso um ato político de ocupação do Edise durante a reunião do Conselho de Administração da Petrobrás para que a empresa formalizasse a sua proposta para resolver as pendências da Petros. A direção da FUP e representações sindicais

permaneceram em vigília no edifício-sede nos dias 17 e 18 até a apresentação da proposta.

A Petrobrás mantém os condicionantes já apresentados aos trabalhadores para equacionar os déficits do Plano Petros e atender aos principais pleitos da FUP. A empresa também alterou alguns pontos da proposta anterior para o Plano Petros 2, mas não atendeu as reivindicações da FUP em relação ao custeio do plano. A Federação dará os encaminhamentos em relação a esta questão na próxima semana.

# A era FHC: A tentativa de desmonte da Petrobrás

## O Brasil é hoje auto-suficiente na produção de petróleo porque o povo e os trabalhadores derrotaram o projeto neoliberal do governo Fernando Henrique Cardoso de desmantelamento e privatização da Petrobrás.

Responsável direto pelo desmonte acionário da companhia e seu esquiteamento em dezenas de subsidiárias e unidades de negócios, o ex-presidente, sem dúvida, foi um divisor de águas na história da Petrobrás. Como acionista majoritário, trabalhou o tempo todo contra uma empresa extremamente lucrativa. Um caso raro, que merece, inclusive, destaque nos estudos de gestão de grandes negócios.

A era FHC não só acabou com o monopólio estatal do petróleo, como entregou as reservas e estudos técnicos da Petrobrás ao mercado internacional, cortou bilhões de dólares de investimentos previstos para a companhia, reduziu à metade os quadros de trabalhadores próprios e, entre outras atrocidades, iniciou o processo de privatização da empresa (Refap S.A, Petrobrax, e etc), que só não seguiu adiante devido à resistência dos trabalhadores e demais setores organizados da sociedade. Não é à toa, que o tucano de tudo fez para tentar desmantelar a organização sindical dos petroleiros.

A conquista da auto-suficiência, portanto, tem que estar muito bem contextualizada pelos trabalhadores neste momento em que muitos tentam colher os louros, depois de terem semeado espinhos. O projeto de FHC só não vingou graças à nossa resistência a oito anos de sucessivos ataques

contra a Petrobrás. Neste sentido, temos também que destacar a decisão política do governo Lula de alterar drasticamente os rumos da companhia, que duplicou entre 2003 e 2005 o orçamento da área de Exploração e Produção de petróleo e nacionalizou as encomendas e serviços contratados, gerando milhares de empregos no país.

Os resultados falam por si. A Petrobrás tem hoje 131 blocos exploratórios, mais que o dobro do que contava em 2002. As reservas provadas da companhia saltaram de 11 para mais de 15 bilhões de barris. As plataformas P-43, P-48 e P-50, cujas projetos corriam risco de arbitragem internacional, foram concluídas, o que representa 480 mil barris/dia a mais na produção brasileira. Além disso, o governo nacionalizou em pelo menos 60% o conteúdo de todas as encomendas da Petrobrás, reativando a indústria naval e fortalecendo os demais setores da economia.

Nos próximos cinco anos, a companhia investirá mais de R\$ 110 bilhões no país, sendo que 54% destes investimentos em projetos que irão sustentar a garantia da auto-suficiência. Até 2008, serão implantados 15 grandes projetos de produção de petróleo para que em 2010, a Petrobrás atinja a meta de 2,3 milhões de barris/dia. Além disso, a companhia está recompondo sua força de trabalho, com a previsão de admissão de mais nove mil petroleiros nos próximos três anos, o que totalizará um efetivo de quase 20 mil trabalhadores novos desde 2002.

É por esta Petrobrás que a categoria petroleira tem lutado. Uma Petrobrás que cumpra o seu papel de empresa pública, que seja a alavanca do desenvolvimento do país. Uma Petrobrás bem diversa do projeto tucano de privatização e privilégios ao mercado internacional, onde a auto-suficiência não passava de um jogo de cena, com cartas marcadas.

## O drama dos participantes do Aerus: Lição e alerta

Merece uma séria reflexão o drama que atinge hoje os 8.289 participantes ativos dos planos de previdência complementar patrocinados pela Varig e os 6.792 aposentados e pensionistas da empresa que recebiam em dia os benefícios pelos quais contribuiram a vida toda. Sob intervenção da SPC e em processo de liquidação, o Aerus tem um rombo de mais de R\$ 1,5 bilhão e é o principal credor da Varig. Os participantes da ativa correm sério risco de jamais recuperarem as contribuições feitas ao fundo e os aposentados e pensionistas provavelmente sofrerão reduções drásticas em seus benefícios, pois o atual patrimônio do Aerus não é suficiente para cobrir metade dos compromissos atuariais garantidores das aposentadorias.

Divididos em dois planos, um de Benefício Definido e outro de Contribuição Definida, os participantes do Aerus estão todos à deriva. Independente da modalidade do plano, nem BD, nem CD são agora capazes de lhes garantir o direito legítimos às contribuições que fizeram ao longo de toda a vida. O motivo da crise vai além das dívidas acumuladas pela patrocinadora. Erros de gestão, falta de capitalização e péssimos investimentos causaram perdas milionárias aos participantes, comprometendo a maior parte do patrimônio do fundo.

Segundo técnicos do Aerus, mais da metade da carteira de investimentos em renda variável é formada por ações sem liquidez, que dão prejuízos. O fundo também acumula perdas expressivas em decorrência de investimentos

em shoppings centers e participações “especiais” no controle de companhias. Uma trajetória de investimentos mal sucedidos que muito nos lembra as antigas gestões da Petros.

O drama que vivemos os participantes do Aerus nos deixa lições e alertas importantes. Os trabalhadores, principalmente os da ativa, precisam ter o entendimento de que previdência complementar é hoje um direito fundamental, que deve ser encarado com a mesma prioridade que damos aos salários e às condições de trabalho. É a fiscalização diária e o controle da gestão do fundo que garantirão a segurança de todos os participantes, tanto os que já gozam dos benefícios, quanto os que ainda farão juz das contribuições no futuro. Caso contrário, é chorar sobre o leite derramado.